



**EL AMOR
BRUJO**

FESTIVAL
**ÓPERA
ÓBIDOS**

Organização



Parceria
Estratégica



Apoio



Com o apoio de:



Mecenas



Apoio



Membro de



Apoio à
produção



Parceiros
Media



Parceiro
de mobilidade







Apresentação

POR CARLA CARAMUJO, DIRETORA ARTÍSTICA DO FESTIVAL DE ÓPERA DE ÓBIDOS

Produzir ópera é mergulhar num universo de enorme criatividade e multidisciplinaridade. Isto significa ousadia nas escolhas dos títulos, adequabilidade às condições físicas mas, sobretudo, imenso respeito pelas diferentes equipas intervenientes. A arte une-nos nas diferenças através do seu grande poder inclusivo, reflexivo e emocional. A ópera, de todas as artes, é rainha, pois conflui em si todas as outras expressões artísticas, tornando-se irresistivelmente transformadora.

O Festival de Ópera de Óbidos está de volta e, nesta terceira edição, veste-se de Almada Negreiros e Belle Époque estendendo uma ponte artística entre as primeiras décadas do Séc. XX e os nossos dias, não só na estética, mas, sobretudo na reivindicação de valores fundamentais da liberdade, igualdade e tolerância que, hoje, mais do que nunca, precisamos lembrar!

A edição de 2025 apresenta-se irreverente nas linguagens musicais criadas por Bizet, Ravel, Vasco Mendonça, Manuel de Falla, Christoph Renhart, Wolf-Ferrari e, manifestamente tolerante, na forte mensagem humana dos textos por estes compositores musicados, sem deixar de homenagear Camões e a língua portuguesa.

Inspirados por Vasco da Gama, iniciamos uma viagem por mares de efemérides nunca antes navegadas. Começamos por homenagear o grande navegador português nos seus 500 anos e o incontornável Georges Bizet, nos 150 anos da sua morte, através da sua *Ode Sinfónica Vasco da Gama*.

Seguimos viagem e o nosso primeiro fim-de-semana operático convida o público a desfrutar de um passeio pelo belíssimo Convento de S. Miguel e mergulhar na música irreverente e sofisticada de Mendonça e Ravel, em que a poética de Gonçalo M. Tavares e Sidonie Colette nos conduzem a uma grande reflexão dentro do universo da fantasia infantil. Tudo isto numa simbiose surpreendente entre *A Menina*, *o Caçador e o Lobo* e *L'enfant et les sortilèges*, sem esquecer o centenário da estreia desta obra prima de Maurice Ravel, precisamente no ano em que celebramos o seu 150.º aniversário.

Retomamos a nossa viagem e aportamos no âmagô do drama atual dos refugiados com a estreia absoluta de *Café Europa "Between memories"* de Christoph Renhart e libreto de Miguel Honrado, numa ação educativa onde a palavra de ordem é tolerância.

Por fim, a nossa caravela aporta no mundo da subtileza feminina, revelando *O Segredo de Susana* do compositor Wolf-Ferrari. Mais uma vez, a linguagem musical surpreendente do início do séc. XX, sublinhando a corajosa epopeia da emancipação feminina nessa época. E porque falar de emancipação feminina é falar de direitos conquistados através da ousadia, terminamos o nosso festival numa explosão de exotismo e liberdade personificadas na figura da Cigana-Andaluz em *El Amor Brujo* do compositor Manuel de Falla, celebrando também o centenário de estreia desta magnífica obra.

O Festival de Ópera de Óbidos reafirma-se como um importante centro de produção operática na região Oeste do país, dando assim um contributo para o desenvolvimento da lírica nacional e desempenhando um papel fundamental no fortalecimento das nossas indústrias criativas, dentro e fora de portas.

Sejam “todos, todos, todos” muito bem-vindos ao Festival de Ópera de Óbidos!

Carla Caramujo
Diretora Artística do Festival de Ópera de Óbidos

El Amor Brujo

Bailado de Manuel de Falla com texto de María Martínez Sierra

Elenco

Candela › Maria Luísa de Freitas, *mezzo-soprano*

Catarina Ribeiro e Ivanoel Tavares, *bailarinos*

Equipe Criativa

Rita Abreu, *coreografia*

Inês Pinto de Faria, *direção de cena*

Nuno Esteves (Blue), *direção de arte*

Inês Peres e Inês Correia, *assistente de direção de arte*

Margarida Ruas, Catarina Ruas, Daniela Louro e Marcia Miyamoto, *construção de adereços*

FP Solutions, *construção de cenários*

Paulo Fonseca, *pano de cena*

Pedro Leston, *desenho de luz*

Orquestra Filarmónica Portuguesa

Darrell Ang, *direção musical*

Pedro Lopes, *correpetidor*

Francisco Marques, *legendagem*

Apoio



CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA DO PORTO
ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

Sinopse

Esta obra de Manuel de Falla é inspirada na tradição cigana da Andaluzia, e conta a história de Candela, uma jovem cigana assombrada pelo espírito ciumento do seu falecido amante. Para se libertar dessa presença sobrenatural e viver plenamente o seu novo amor com Carmelo, Candela e a comunidade realizam rituais místicos que culminam na famosa *Danza ritual del fuego*, um dos momentos mais icónicos da partitura.

A música de *El Amor Brujo* destaca-se pelo seu uso de melodias e ritmos flamencos, tornando-se uma das obras mais representativas do repertório musical espanhol.

Apresentação da criação

Há corpos que dançam porque não conseguem esquecer. Há presenças que não partem, mesmo depois do fim.

Ela dança com o que ficou, um eco, um vulto, uma chama antiga. Uma ausência que ainda tem forma, que partiu, mas nunca foi embora.

No espaço entre o real e o lembrado, o corpo recorda o que o coração não consegue esquecer. A dança torna-se feitoço, resistência e renúncia.

É preciso coragem para deixar partir quem se ama, mas, às vezes, é preciso ainda mais para deixá-lo ficar.

Num espaço onde o tempo não avança, o amor transforma-se em ritual.

Rita Abreu

Libreto

(La acción tiene lugar en Cádiz. Es de noche. Los gitanos tiran los naipes para descubrir la suerte en el amor. Candela, triste por amor, canta).

Canción del amor dolido

¡Ay!

Yo no sé qué siento,
ni sé qué me pasa
cuando éste mardito
gitano me farta.

¡Ay!

Candela qué ardes...
más arde el infierno
que toíta mi sangre
abrasá de celos!

¡Ay!

Cuando el río suena
¿qué querrá decir?
Por querer a otra
se orvía de mí!

¡Ay!

Cuando el fuego abrasa...
Cuando el río suena...
Si el agua no mata el fuego,
a mí el penar me condena,
a mí el querer me envenena,
a mí me matan las penas.

Canción del Fuego

Lo mismo que er fuego fatuo,
lo mismito es er queré.

Le juyes y te persigue,
le yamas y echa a corré.
¡Lo mismo que er fuego fatuo,
lo mismito es er queré!

(A ação decorre em Cádiz. É de noite. Os ciganos lançam cartas para descobrir a sua sorte no amor. Candela, triste de amor, canta).

Canção de um coração partido

Ah!

Não sei o que sinto,
nem o que me acontece
com as saudades que sinto
deste maldito cigano!

Ah!

Fogo que arde...
Mais arde o inferno
que abrasa o meu sangue
com ciúmes!

Ah!

Quando o rio ferve,
o que significa?
Por amor a outra,
ele esqueceu-se de mim!

Ah!

Quando o fogo arde,
quando o rio ferve...
Se a água não apaga a chama,
é a tristeza que me queima,
é o amor que me envenena,
são as penas que me matam!

Canção do fogo-fátuo

Tal como o fogo-fátuo,
assim é o amor.

Foges dele e ele persegue-te,
chamas por ele e ele corre.
Tal como o fogo-fátuo,
assim é o amor.

¡Malhaya los ojos negros
que le alcanzaron a ver!

¡Malhaya er corasón triste
que en su yama quiso arder!
¡Lo mismo que er fuego fatuo
se desvanece er queré!

Danza y Canción de la Bruja Fingida

(también conocida como Danza del juego de amor)

¡Tú eres aquél mal gitano
que una gitana quería...!
¡El querer que eya te daba,
tú no te lo merecías...!

¡Quién la había de decir
que con otra la vendías...!

¡Soy la voz de tu destino!
¡Soy er fuego en que te abrasas!
¡Soy er viento en que suspiras!
¡Soy la mar en que naufragas!

Final

*(El toque de campanas anuncia un nuevo día
y la reconciliación de los amantes)*

¡Ya está despuntando er día!
¡Cantad, campanas, cantad!
¡que vuelve la gloria mía!

Malditos sejam os olhos negros
que o conseguem ver!

Maldito seja o coração triste
que na sua chama quis arder!
Tal como o fogo-fátuo,
assim desvanece o querer!

Dança e canção da bruxa falsa

(também conhecida como Dança do jogo do amor)

Tu és o cigano maldito
que uma cigana amava!
Tu não merecias o amor
que ela te dava...!

Quem iria dizer
que com outra a trairias!

Sou a voz do teu destino!
Sou o fogo em que ardes!
Sou o vento em que suspiras!
Sou o mar em que naufragas!

Final

*(o toque dos sinos anuncia um novo dia e a
reconciliação dos amantes.)*

Já desponta a dia!
Tocai, sinos, tocai!
Sinto a alegria voltar a mim!



Manuel de Falla

COMPOSIÇÃO



Manuel de Falla (1876–1946) foi um compositor espanhol, amplamente considerado um dos maiores e mais importantes nomes da música clássica espanhola do século XX. Nascido a 23 de novembro de 1876, em Cádiz, Espanha, Falla foi uma figura central no desenvolvimento da música espanhola moderna, combinando influências da música tradicional espanhola com a linguagem do impressionismo francês e outras correntes musicais europeias.

A sua obra reflete tanto a riqueza da música popular espanhola quanto o ambiente intelectual e artístico da época.

Falla iniciou seus estudos musicais na sua cidade natal, mas mudou-se para Madrid, onde continuou sua formação e começou a envolver-se com o círculo musical da Geração de 98, um movimento cultural e literário que procurava renovar a cultura espanhola depois da perda das colónias. Em Madrid, Falla teve a oportunidade de estudar com o compositor Francisco José Álvarez e também foi influenciado pelas obras de Claude Debussy e Maurice Ravel, que o ajudaram a moldar seu estilo único.

Uma das obras mais conhecidas de Manuel de Falla é *El Amor Brujo* (1915), que combina elementos do flamenco com a música erudita, tornando-se um marco no repertório clássico espanhol. A peça é famosa pela sua *Danza del Fuego* (Dança do Fogo), que é uma das partes mais emblemáticas e vibrantes da composição, e tornou-se um ícone da música espanhola. *El Amor Brujo* foi originalmente composta como uma música para bailado, mas a sua força dramática e a fusão de estilos fez com que fosse amplamente apreciada também em concertos.

Outra obra importante de Falla é *La Vida Breve* (1905), uma ópera de um ato que também utiliza o flamenco e a música tradicional espanhola para contar uma história de paixão e tragédia. A ópera foi um grande sucesso e ajudou a estabelecer Falla como um dos compositores mais inovadores de sua geração. *La Vida Breve* é uma das poucas óperas espanholas que se mantém no repertório internacional.

Falla também se destacou por obras para piano, como *Noches en los Jardines de España* (1909), que é um exemplo da sua habilidade em combinar elementos impressionistas com a música folclórica espanhola. Essa obra é notável pelas suas texturas harmônicas e o uso evocativo do piano, e é uma das suas peças mais frequentemente interpretadas.

Na década de 1930, com a eclosão da Guerra Civil Espanhola, Falla viu-se envolvido num período de grande agitação política. Afastou-se da sua terra natal, vivendo por um tempo em Buenos Aires, na Argentina, onde continuou a compor, mas com uma visão mais introspetiva e mais focada nas raízes da música espanhola tradicional. Durante este período, Falla escreveu obras como *El Retablo de Maese Pedro* (1923), uma obra para marionetas baseada numa história de Cervantes, que é notável pela sua economia de recursos e pela profundidade emocional da música.

Manuel de Falla faleceu a 14 de novembro de 1946, em Alta Gracia, Argentina, depois de passar os últimos anos de sua vida longe da Espanha, devido à situação política do país. O seu legado permanece vivo na música espanhola e no mundo da música clássica, sendo uma figura central na transição da música tradicional espanhola para a música moderna e erudita.

A sua obra continua a ser celebrada e interpretada por orquestras e músicos de todo o mundo, sendo uma das figuras mais importantes e respeitadas na história da música clássica. Manuel de Falla não ajudou apenas a definir a música espanhola do século XX, mas também contribuiu para a disseminação da cultura e do folclore da Espanha no cenário musical internacional.

Fonte: Bertrand Livreiros

María Martínez Sierra

TEXTO



María Lejárraga de Martínez Sierra (Logroño, 1874–Buenos Aires, 1974) foi uma escritora e ativista feminista. Estudou Magistério e, em 1895, foi aprovada no concurso público da Escola Modelo de Madrid. Embora María tenha iniciado a sua carreira literária sem pseudónimo, pouco tempo depois publicou os seus livros com o nome do seu marido, Gregorio Martínez Sierra, pseudónimo que utilizaria para exortar as espanholas a libertarem-se do jugo masculino.

Para a ideologia da época, era escandaloso partilhar a profissão de professora com a condição de escritora, sendo esta uma das razões pelas quais os seus livros levam a assinatura do marido.

Fortemente comprometida com a causa da República, é uma escritora que suscitou inúmeras polémicas por causa das contradições entre a sua ideologia e o seu modo de vida. Entre as suas obras está um dos títulos pioneiros do feminismo na Espanha, *La mujer moderna* (1920), escrito por María, como demonstraram os críticos especializados, mas assinado por seu marido. Eleita deputada socialista por Granada em 1934, esta intelectual foi recuperada nos últimos anos para a literatura espanhola graças aos seus escritos, muitos deles ensaios epistolares e tratados considerados feministas: *Cartas às mulheres de Espanha* (1916), *A mulher espanhola perante a República* (1932), *Novas cartas às mulheres de Espanha* (1932). Nesta última, María defende o divórcio como solução para a infidelidade. Considerada “moderna” pela crítica especializada — apesar da contradição que representa ter usado o nome do marido para assinar as suas obras —, defendeu as liberdades das mulheres, dando o exemplo com a sua vida de viajante, escritora profissional e parlamentar comprometida com as ideias republicanas e com a mudança social.

Participou ativamente na guerra e, antes disso, entre 1931 e 1933, percorreu várias cidades de Espanha, dando palestras e conferências às mulheres, nas quais insistia nas possibilidades da solidariedade feminina como agente promotor das liberdades.

Entre 1936 e 1938, escreveu inúmeros artigos de viés feminista na revista *Mujeres*, até ser obrigada a sair de Espanha. Depois de passar por diferentes cidades, instalou-se definitivamente em Buenos Aires em 1951, onde faleceu em 1974, prestes a completar cem anos. Na década de 1950, retomou a sua atividade literária, deixando definitivamente para trás o nome do marido, e assim foram publicadas as suas obras autobiográficas: *Una mujer por caminos de España* (1952) e *Gregorio y yo* (1953).

Fonte: Instituto Cervantes

Maria Luísa de Freitas

MEZZO-SOPRANO · CANDELA



Nascida em Luanda, iniciou os seus estudos no Conservatório Nacional de Lisboa. Recebeu vários prémios em Portugal, Brasil e Itália. Teve a sua estreia em ópera no Teatro Nacional de São Carlos de Lisboa com *Sancta Susanna* de Hindemith dirigida por Marko Letonja. Estreou-se no papel de *Carmen* no Coliseu do Porto, dirigida por Mark Tardeu. Participou ainda em diversas óperas, concertos e recitais em Portugal e no estrangeiro, com destaque para os papéis: Maddalena (*Rigoletto*), Olga, Filippyevna (*Ievgueni Oniéguin*), Miss Baggott (*Let's Make an Opera*), Zita (*Gianni Schicchi*), Baronessa (*Il Cappello di Paglia di Firenze*), Zweite Norn (*Götterdämmerung*), La Cieca (*La Gioconda*), Zefka (*Diário de um desaparecido*), Marcellina (*Le Nozze di Figaro*), Baba The Turk (*The Rake's Progress*), Mère Marie de L'Incarnation (*Dialogues des carmélites*), Fenena (*Nabucco*), Lucretia (*The Rape of Lucretia*), Jezibaba (*Rusalka*), La Frugola (*Il Tabarro*), Mrs. Sedley (*Peter Grimes*), Sebastiana Maria de Jesus (*Blimunda*), Bersi (*Andrea Chenier*), Emília (*Otello*), Mrs. Quickly (*Falstaff*), entre outras. Em concerto, destaca-se 9.^a *Sinfonia* (Beethoven), *Missa em si menor* (Bach), *L'Enfance du Christ* (Berlioz), *In Terra Pax* (Frank Martin), *Folk Songs* (Berio), *Siete Canciones Populares Españolas* e *El Amor Brujo* (Falla), *The Rhapsodies* (Brahms), *Stabat Mater* (Dvorak), *Il Tramonto* (Respighi), entre outros. Trabalhou com maestros como Marko Letonja, Marc Tardeu, Johannes Stert, Julia Jones, João Paulo Santos, Michail Jurowski, Massimiliano Damerini, Osvaldo Ferreira, José Cura, Martin André, Gregor Buhl, César Viana, Sébastien Rouland, François Xavier Roth, Yaniv Dinur, Lawrence Foster, Pedro Neves, Nuno Côrte-Real, Nicholas Kraemer, Antonio Pirolli, Joana Carneiro, Leonardo Garcia Alarcón, Renato Palumbo, Graeme Jenkins e Giacomo Sagripanti.



Catarina Ribeiro

BAILARINA



Iniciei os meus estudos artísticos em 2015, na Academia de Dança de Alcobça, onde concluí o ensino especializado em dança em 2024. Ao longo deste percurso tive formação em várias técnicas de dança como clássico, contemporâneo e moderno e ainda improvisação, música e História e Cultura das Artes. Participei em diversos festivais como o “Cistermúsica” e “Festival de Dança Lugar Futuro”.

De 2024 a 2025 integrei o AZA Dance Programme, um programa para jovens bailarinos, onde contactei com bailarinos e coreógrafos internacionais. Ainda no âmbito deste programa, realizei um estágio na Companhia de Dança de Almada e residências artísticas com a Companhia Paulo Ribeiro e Companhia Maior.



Ivanoel Tavares

BAILARINO



Bailarino profissional, formado em 2013 em Dança Contemporânea pela Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. Nesse mesmo ano, integrou a P.A.R.T.S. – Performing Arts Research and Training Studios, em Bruxelas, consolidando a sua formação artística.

Iniciou a sua carreira profissional em 2015 na companhia DançArte, em Palmela, e desde então colabora com A Minha Escolinha de Ballet, nos Açores. Em 2016, realizou um estágio na Budapest Táncszínház / DEPO / Budapest Dance Theatre, na Hungria, e nesse mesmo ano integrou a Companhia de Dança Contemporânea de Évora.

Ao longo do seu percurso, teve a oportunidade de trabalhar com coreógrafos de renome nacional, como Vasco Wellenkamp, Benvindo Fonseca e Gonçalo Lobato, entre outros, enriquecendo a sua experiência artística e aprofundando a sua versatilidade.

A sua carreira destaca-se não só no âmbito da dança contemporânea, mas também no campo comercial. Colaborou em espetáculos e videoclipes de artistas de grande notoriedade, como Anselmo Ralph, David Carreira, Mariza, Calema, Cuca Roseta, Ivandro e Toy, além de participar em campanhas publicitárias para marcas como Altice Portugal e BMW. Também foi concorrente em programas de televisão de grande audiência, como Achas que Sabes Dançar? e Let's Dance – Vamos Dançar?, tendo alcançado o segundo lugar neste último.

Desde 2016, integra o corpo docente da Showit Dance Academy, em Almada, onde é professor residente de dança contemporânea. A sua formação multidisciplinar reflete-se no seu trabalho,

que cruza a dança contemporânea com influências das danças africanas, criando uma linguagem singular e autêntica.

Mais do que uma carreira, o seu percurso traduz um compromisso com a arte enquanto ferramenta de transformação social. Dedicar parte do seu tempo a projetos que ampliam o acesso à dança, acreditando no seu poder de impacto e inclusão. O seu caminho é um testemunho de dedicação, paixão e talento, continuando a deixar uma marca significativa no panorama da dança nacional.

Rita Abreu

COREOGRAFIA



Iniciou os seus estudos de dança aos 10 anos na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. Entre 1993 e 1997, fez parte da Pequena Companhia/Little Company da ADC. Em julho de 1997, após ter realizado o seu Exame Performance, foi convidada a participar no projeto *850... uma outra História*.

De setembro de 1997 a abril de 2004, integrou o elenco da Companhia Dançarte. Em 2004, foi convidada a trabalhar com a companhia de dança do Theater der Stadt Heidelberg, na Alemanha.

Enquanto *freelancer*, destaca a sua participação no *Portalegre – 2006, Um Espetáculo Único*, para a inauguração do Centro de Artes do Espetáculo de Portalegre; no projeto *Arte da Fuga* do coreógrafo Rui Lopes Graça; e ainda no espetáculo *Out Palácio* da Companhia Dançarte.

Coreografou o bailado *Divergências* para o seu Exame Performance.

Entre 1998 e 2003 teve a oportunidade de coreografar, para a Mostra de Trabalhos da Semana da Dança em Palmela, os bailados *Sem Saber Onde Nem Porque*, *O chão que ela pisa*, *Ego ou Culto* e *Flare Up*. Em novembro de 2000, foi convidada a coreografar para a temporada *Fogo* da companhia Dançarte.

Em 2005 coreografou *Trial and Error*, apresentado no Werkstatt Tanz Schwetzingen.

Foi coautora dos projetos *Um Piano. Um Quadro. Uma Família* e *Missa(o)* apresentados no Festival Cistermúsica em 2011 e 2013 respetivamente.

Em 2012, coreografou *A Origem* para o programa Duas Faces do mesmo Festival. Foi coautora do *À Noite no Mosteiro* um espetáculo em *site-specific*, apresentado no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça em julho de 2015 e do *Múrmurios*, espetáculo construído para a fachada do mesmo Mosteiro em 2017. Ainda para o festival Cistermúsica criou os bailados *Memento*, em 2022 e *Tenho em mim todos os sonhos do mundo*, em 2023. Em 2024 coreografou o bailado *Resistência* apresentado nas comemorações dos 50 anos do 25 de abril, da Câmara Municipal de Alcobaça.

Foi autora e coautora de diversos espetáculos infantis, dos quais destaca *Carnaval dos Animais*, *A Terra do Nunca*, *A Arca do Tesouro*, *100 Anos de Magia* e *O Quadro Fugiu da Moldura*.

Na Alemanha, trabalhou na escola Aki Kato (Mannheim) e foi professora convidada em Bensheim, Ludwigshafen e em Schwetzingen. Lecionou também Dança Contemporânea no Bühgerhouse de Mannheim.

De 2006 a 2010 foi professora no Lugar Presente, em Viseu.

Desde setembro de 2010 é professora na Academia de Dança de Alcobaça.

Inês Pinto de Faria

DIREÇÃO DE CENA



Inês Pinto de Faria é produtora, curadora e gestora cultural. Tem desenvolvido projetos que vão desde exposições em museus e galerias nacionais e internacionais a festivais e eventos multidisciplinares. A sua investigação académica debruça-se sobre a profissionalização dos artistas e as práticas colaborativas no âmbito das artes. Partilha também a sua escrita crítica, tendo publicado

artigos sobre artes performativas, artes visuais e arquitetura.

Nuno Esteves (Blue)

DIREÇÃO DE ARTE



Nuno Miguel Dias Esteves, conhecido por “Blue”, nasceu em Luanda (Angola) em 1968.

Aos 16 anos, em Londres, inicia um percurso ligado à caracterização e moda fazendo o curso de maquilhagem na Make Up Forever.

Mais tarde, frequenta o curso técnico de design gráfico da Escola Soares do Reis (Porto) e ingressa na escola Superior de Design (Matosinhos), onde frequenta o primeiro ano.

No ano seguinte, entra na Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde faz o Curso de escultura. Paralelamente integra a primeira equipa formada por Isabel Alves Costa, de apoio ao Festival de Marionetas do Porto – no qual participa durante 5 anos consecutivos.

Com esta incursão ao mundo do teatro e dança, decide inscrever-se no curso de Ballet do Ballet-Teatro do Porto, que trazem novas propostas em áreas que foram da cenografia, criação de adereços e figurinos até à caracterização. Teve o privilégio de trabalhar com encenadores como: Roman Paska, Franco Brambila, João Paulo Seara Cardoso, Companhia de Teatro de Rua L’Arch de Noe, entre outros

Após ter passado pela moda em Paris, regressa a Portugal e inicia um percurso ligado à caracterização de cinema. Destacam-se destes trabalhos filmes como: *Por entre os dedos* de Frederico Serra e Tiago Guedes, *Amor de Perdição* de Mário Barroso, *O regresso a Sisalinda* de Jorge Queiroga, *Nuit de chien* de Werner Schroter, *Mistérios de Lisboa* de Raúl Ruiz, *Operação Outono* de Bruno de Almeida, *Paixão* de Margarida Gil, *O Homem do Restelo* de Manoel de Oliveira, *Fado* de Diogo Varela, *O Divã de Staline* de Fanny Ardant, *Cartas da Guerra* de Ivo Ferreira, *Cabaret Maxime* de Bruno de Almeida, *Hotel império* de Ivo Ferreira, *Peregrinação* de João Botelho, *Mosquito* de João Nuno Pinto, *Mar* de Margarida Gil, *Oso* de Bruno Lourenço, *Toda a gente gosta de Jeanne* de Céline Devaux, *O teu peso em ouro* de Sandro Aguilar, *Índia* de Telmo Churro, *Cleópatra* de Diego Braga, *Primeira pessoa do plural* de Sandro Aguilar.

Nos telefilmes destacam-se trabalhos como: *Love online*, *Amigos como dantes*, *Carolina*, *Fernando e Eu*, todos de Mário Barroso; *A escada*, *O mergulho*, *29 Golpes* de Jorge Paixão da Costa, *Sul* de Ivo Ferreira, *Capitães do Açúcar* de Ricardo Leite e *Histórias da montanha* de Luís Galvão Teles.

Na área do Belcanto participou como figurinista, e cenógrafo em obras como: *Carmina Burana* de Carl Off – no Castelo de S. Jorge; diferentes temporadas de Festival de Ópera de Óbidos em obras como: *La Serva Padrona*, *Dido e Eneias*, *La Traviata*, *Madame Butterfly*, *D. Quixote Chez la Duchesse*. No Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha: *A paixão de Segundo São Mateus* de Casteluchi, *A voz maior do que o Fado* de João Botelho, *Orphée* de Philippe Glass, *Pease et Melisande* de Kristina Hellín, *Domitila* de Carlos Antunes, *A Hora Espanhola* de Jorge Balça, *Viaggio a Reims* de Teresa Simas e *Paraíso* de Nuno Artur Silva.

Na dança sobressaem os trabalhos de figurinos que fez para solos de Filipa Peraltinha, Paula Pinto, Companhia de Dança Ballet Teatro.

Inês Peres

ASSISTENTE DE DIREÇÃO DE ARTE



Nasceu em 1999 e é formada em Design Gráfico pela António Arroio e em Design de Cena pela ESTC, onde começou a dar os primeiros passos na criação artística com a instalação *LAB* (2018), *130M d.C* (2019) entre outras.

Desde 2021 que está integrada no GAC tendo feito a *Tchekhoviana* de Miguel Loureiro, *Ivone Princesa de Borgonha* de Luís Moreira no qual ganhou o prémio de melhor Guarda Roupas – Prémios de Teatro Mário Rui Gonçalves 2022.

Do teatro para a ópera começou pela *Noite Americana – Labirinto* e *Hand of Bridge* no Operafest com encenação de Bruno Bravo (2022), *Don Giovanni* em co-criação com Blue para o Festival de Ópera de Óbidos encenado por Jorge Balça, *Exposição temporária: uma pintura de Chagall e A Flauta Mágica* de Mozart no CCB de Jean Paul Bucchieri na construção de figurinos e adereços, e

mais recentemente em *Felizmente há Luar!* com encenação de Alex Aguilera.

Entre Cinema e Televisão trabalhou como assistente de Guarda Roupas em filmes como *Tout le monde aime Jeanne* de Céline Devaux, *Mãos no Fogo* de Margarida Gil, *O Presidente do Conselho* de José Filipe Costa e em séries como *A Lista* de Carlos Dante e Luís Pamplona, *Madrugada Suja* de Sebastião Salgado, entre outras.

Inês Correia

ASSISTENTE DE DIREÇÃO DE ARTE



Licenciada em Teatro, Design de Cena pela ESTC.

A destacar trabalhos em cenografia e figurinos para a companhia Parada de Elefantes em *O Fazedor de Nadas* e para a companhia galega Berrobambán em *Há quem escolha os caminhos mais longos*. Em figurinos para a peça *As Mulheres em Lisboa ou as Espias de Látex na Madrugada de 25 de Abril* em colabora-

ção com a encenadora Maria Duarte. Destaque também como assistente de construção de guarda roupa na ópera *La Fille du Regiment* para o Festival de Ópera de Óbidos. E por fim como assistente de direção de arte para a ópera *Die Fledermaus* produzida pela Orquestra Filarmónica Portuguesa.

A destacar também trabalhos como costureira para O Bando.

Pedro Leston

DESENHO DE LUZ



Fundador dos ateliers de design de espectáculos: O Acaso, A Fundação e LD | Leston Design.

Artistas para os quais assina projetos de iluminação: Heróis do Mar, Lena d'Água, Rui Veloso, Paulo de Carvalho, G.G. Blues Band, Jafumega, Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Ban, Xutos & Pontapés, Trovante, Rui Veloso, Ala

dos Namorados, Sétima Legião, Mafalda Veiga, Madreus, Rio Grande, Mísia, Ricardo Ribeiro, Júlio Pereira, Teresa Salgueiro, Luís Represas, Mafalda Arnauth, Pedro Jóia, Maria João e Mário Laginha, Cabeças no Ar, Tim, António Zambujo, Quinteto Lisboa, Gisela João, Hélder Moutinho, Pedro Moutinho, Resistência, Aline Frazão, etc.

Alguns festivais: Avante, Festival Intercéltico, Funchal Jazz Festival, Festival Jazz de Matosinhos, Portugal Ao Vivo, Filhos da Madrugada, Festival Internacional de Música de Macau e Festival de Artes de Macau (direção técnica e projeto 2000–2013), Festival Sol da Caparica, direção e projetos de iluminação de FMM Sines 2021–2024.

Equipa criativa de “Aquamatrix” Expo 98.

Desenha e dirige a iluminação de várias exposições para o Atelier Henrique Cayatte.

Participa a convite da CML na “Arte Pública 1991” e para a qual assina vários projetos de iluminação ao longo dos anos.

Assina com António Feio a iluminação no musical *Portugal Uma Comédia Musical* e com Fernando Mendes *In Love* e *Kiss Kiss*.

Colabora com a Fundação Calouste Gulbenkian na ópera *A Flauta Mágica* (encenação de Paulo Matos), *A Menina do Mar* (encenação de Lua Cheia – Teatro para Todos) e *O Tempo, A Temperatura e as Estações* (encenação de Filipe Crawford).

Associado fundador da Associação Cultural Lua Cheia – Teatro para Todos.

Orquestra Filarmónica Portuguesa



A Orquestra Filarmónica Portuguesa (OFP) é apoiada pela Direção-Geral das Artes e por fundos da Europa Criativa da União Europeia, tendo ficado classificada em primeiro lugar entre as orquestras europeias que se candidataram a este projeto. Em janeiro de 2025, a OFP iniciará o projeto “Youth Musicians Empowerment Project”.

O triénio de 2022 a 2024 foi muito especial para a OFP, tendo sido repleto de enormes sucessos. A convite do Institut Français de Culture, a OFP apresentou-se no Théâtre des Champs-Élysées, num concerto integrado na temporada da Saison Croisée France/Portugal 2022, assinalando, assim, a sua estreia internacional na famosa sala parisiense. Ainda em Paris, e a convite da UNESCO, a OFP realizou um memorável concerto na sede desta importante organização mundial, integrado no programa de comemoração do Dia Mundial da Língua Portuguesa (5 de maio de 2022), o qual foi gravado e transmitido em *streaming* para todo o mundo.

Enquanto líder do projeto “Sounds of Change”, que envolve parceiros da Alemanha, Espanha, Eslovénia e Sérvia, a OFP teve a sua candidatura selecionada pelo programa Europa Criativa da União Europeia, sendo um dos apenas vinte projetos apoiados entre muitas centenas de candidaturas. Para mais informações sobre este projeto, consultar o site: <https://soundsofchange.eu>.

A convite de promotores alemães, a OFP apresentou-se na mítica sala da Filarmónica de Berlim, sendo aplaudida entusiasticamente e recebendo excelentes críticas.

A Orquestra é apoiada pela Direção-Geral das Artes através do Programa de Apoio Sustentado às Artes. Anteriormente, os seus projetos de criação e internacionalização também haviam sido apoiados pela DGArtes, nos concursos pontuais de 2021 e 2022.

Nas temporadas de 2021 e 2022, a Orquestra Filarmónica Portuguesa consolidou o seu sucesso e impacto nacional e internacional, recebendo um convite para se associar às comemorações dos 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães. Realizou, para o efeito, importantes concertos, nos quais foram apresentadas obras encomendadas a conceituados autores nacionais e internacionais. O concerto realizado no dia 2 de maio de 2021, no CCB, dedicado à música e à língua portuguesas e integrado na agenda oficial da Presidência Portuguesa da União Europeia (PPUE), foi gravado e transmitido pela RTP2 e pela Antena 2, merecendo os mais rasgados elogios do público e da crítica especializada.

Ainda em 2021, em parceria com a Altice Arena e a lendária banda Xutos & Pontapés, a OFP apresentou três grandes concertos em Lisboa e no Porto, para um público que ultrapassou as 20 mil pessoas.

A Orquestra Filarmónica Portuguesa já se apresentou em praticamente todo o território nacional, interpretando algumas das mais importantes obras do repertório sinfónico e acompanhando grandes solistas internacionais. Destacam-se os seus concertos regulares no CCB, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, na Altice Arena (onde é orquestra associada) e no Campo Pequeno, em Lisboa; no Coliseu do Porto, na Casa da Música, no Salão Árabe do Palácio da Bolsa, nos Jardins de Serralves e no Museu Romântico, no Porto; no Europarque (Santa Maria da Feira), no Theatro Circo (Braga), no Convento S. Francisco (Coimbra), no Teatro Sá de Miranda (Viana do Castelo), no Teatro Municipal de Bragança, no Teatro Viriato (Viseu), no Teatro Municipal da Guarda, no Centro de Congressos de Santarém, no Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra), no Teatro das Figuras (Faro), no Teatro TEMPO (Portimão), no Teatro Aveirense (Aveiro), no Auditório de Olhão, no Centro Cultural do Arade (Lagoa), bem como em participações anuais na maioria dos principais festivais de música nacionais.

A OFP tem apoiado de forma consistente jovens solistas nacionais, maestros nacionais, tendo encomendado e estreado 16 obras de autores nacionais e 5 obras de autores internacionais. Destacam-se o apoio às jovens compositoras nacionais Ana Seara, Anne Victorino d'Almeida, Fátima Fonte, Ana Ataíde Magalhães, Camila Salomé Menino e Sara Ross, bem como a colaboração com Alexandre Delgado, Luís Tinoco, Rafael Diaz e Nuno Guedes Campos. Nos últimos dois anos foram ainda estreadas 2 grandes obras sinfónicas, um bailado, e uma ópera no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril.

Fundada em maio de 2016 por Osvaldo Ferreira e Augusto Trindade, a Orquestra Filarmónica Portuguesa é amplamente reconhecida, pelo público e pela crítica, como uma das melhores orquestras sinfónicas nacionais. Os elevados padrões de qualidade e exigência, impostos desde a sua génese, levaram-na a integrar um conjunto de músicos de elevado nível técnico e artístico, de diversas nacionalidades — incluindo instrumentistas premiados em concursos nacionais e internacionais, ex-integrantes da Orquestra Jovem da União Europeia e músicos estrangeiros residentes em Portugal.

A Orquestra Filarmónica Portuguesa conta com a direção artística do maestro Osvaldo Ferreira, um dos mais representativos chefes de orquestra nacionais da atualidade.

Darrell Ang

DIREÇÃO MUSICAL



O maestro e compositor Darrell Ang tem rapidamente vindo a tornar-se um dos intervenientes mais empreendedores e influentes no panorama musical da China, bem como um dos principais intérpretes de compositores asiáticos contemporâneos ativos no cenário global. Em reconhecimento disso, em 2022, foi contratado pela Ópera de São Francisco para dirigir uma produção de sete espetáculos de *Dream of the Red Chamber*, de Bright Sheng, e é o maestro escolhido para as celebrações do Ano Novo Lunar com orquestras de renome, como a Orquestra Sinfónica de Baltimore (2024), a Orquestra Sinfónica de Melbourne (2023) e a Orquestra Filarmónica de Roterdão (2023).

Desde 2017, Ang é diretor artístico e maestro principal da Orquestra Sinfónica de Sichuan, na China, transformando a formação na principal força musical não só da província de Chengdu, mas também de toda a região centro-oeste da China. Teve a honra de liderar o crescimento e o desenvolvimento da região centro-oeste no acelerado mundo da crescente vida musical da China, por nomeação do governo regional — uma missão que se adapta perfeitamente ao espírito empreendedor e criativo de Ang. Como tal, lidera agora a criação de inúmeros projetos criativos, desde uma digressão orquestral em grande escala para orquestras internacionais até à criação de festivais em grande escala e projetos e concursos internacionais de educação.

Ang é reconhecido mundialmente por possuir uma mente artística única e um intelecto prodigioso. Fluente em seis idiomas (inglês, francês, alemão, italiano, mandarim e russo), também domina um vasto repertório — desde estudos em música barroca e cravo (na Scuola di Musica di Fiesole, em Itália) até uma paixão particular pela música francesa e russa do século XX, passando pelo repertório contemporâneo.

Ele próprio é um compositor prolífico de obras sinfónicas, obras de câmara e instrumentais a solo: a sua *Fanfare for a Frazzled Earth* — uma abertura sinfónica sobre a devastação da natureza e do ambiente pelo homem — foi recentemente estreada pela Orquestra Nacional Juvenil de Singapura; e o seu *Kung Fu Koncerto* (um concerto para orquestra e mestre de artes marciais) está a ser apresentado com grande sucesso de crítica na China. Possuindo um olhar privilegiado sobre as reais intenções de um compositor, Ang é celebrado como um dos principais intérpretes do repertório asiático contemporâneo, dirigindo habitualmente obras de Chen Yi, Tan Dun, Zhou Long, Chen Qigang, Isang Yang e do falecido Toru Takemitsu, em apresentações em todo o mundo.

Além das suas competências na liderança de projetos e instituições criativas, Ang tem uma carreira prolífica como maestro convidado, liderando habitualmente as principais orquestras da Ásia e do Extremo Oriente. Os seus projetos recentes e futuros incluem colaborações com a Orquestra NCPA de Pequim, a Orquestra Filarmónica de Hong Kong, a Orquestra Sinfónica Nacional de Taiwan, a Orquestra Sinfónica NHK de Tóquio, a NSO Taiwan, a Orquestra Sinfónica de Singapura e a Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon de Tóquio.

Na Europa, os destaques incluem a Orquestra Sinfônica Nacional da Estônia, a Orquestra Filarmônica de Londres, a Orquestra Filarmônica da Radio-France, a Orquestra Filarmônica Báltica Polaca de Gdansk, a Orquestra Sinfônica de Praga, a Real Orquestra Sinfônica de Sevilha, a Orquestra Sinfônica RTVE de Madrid, a Rundfunk-Sinfonieorchester Berlin, a Orquestra Filarmônica de São Petersburgo e a Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena. Nos Estados Unidos, Ang estreou-se com a Orquestra Sinfônica de Baltimore em 2024 e com a Ópera de São Francisco em 2022.

Além da sua experiência sinfônica, Ang é um maestro altamente qualificado no repertório operático, trabalhando com outras casas com reputação mundial, como o Teatro Mariinsky, o Teatro Nacional de Taichung e a Ópera Nacional de Bordéus.

Darrell Ang ganhou destaque internacional em 2007, quando conquistou os três principais prêmios no prestigiado 50.º Concurso Internacional de Regência de Besançon: Grande Prêmio, Prêmio do Público e Prêmio da Orquestra. Outras vitórias importantes em concursos incluem o primeiro prêmio no 9.º Concurso Internacional de Direção Antonio Pedrotti e no 8.º Concurso Internacional de Direção Arturo Toscanini. Outras distinções incluem a honra francesa de "Chevalier dans l'ordre des Arts et des Lettres" em 2015, bem como uma nomeação para os Grammy pela sua gravação de música dos compositores chineses Zhou Long e Chen Yi (uma das várias gravações para a editora Naxos).

Entre os cargos que ocupou anteriormente estão o de diretor musical da Orchestre Symphonique de Bretagne (2012–2015), o de maestro associado mais jovem da Singapore Symphony (2008–2013) e o de diretor musical da Singapore National Youth Orchestra (2010–2013), entre outros. Enquanto estudava na Rússia, foi cofundador da Orquestra Filarmônica de Câmara de São Petersburgo, com o objetivo de introduzir a música contemporânea ao público russo.

Nascido em Singapura, Ang recebeu a sua educação musical inicial aos quatro anos de idade, quando começou a tocar violino e piano. Após estudar Composição com Leong Yoon Pin em Singapura, embarcou no estudo de Direção de Orquestra em São Petersburgo com o professor Leonid Korschmar — herdeiro da grande tradição do lendário professor de direção Ilya Musin — antes de continuar a sua formação em Yale como o primeiro bolsista de direção da universidade, sob a tutela de Shinik Hahm. Entre os seus mentores de direção estão nomes ilustres como Esa-Pekka Salonen e o falecido Lorin Maazel.



Pedro Lopes

CORREPETIDOR



Pedro Lopes trabalha atualmente como professor de piano, correpetidor e *vocal coach*. Licenciado na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), na classe de Pedro Burmester, frequentou o Mestrado em Piano - Música de Câmara sob a orientação de Peter Orth e do Quarteto Auryñ na Hochschule für Musik Detmold, na Alemanha.

Tem ganho vários prémios em Concursos Nacionais. Em 2013, ganhou o Prémio de Melhor Pianista Acompanhador do 7.º Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa bem como o Prémio Helena Sá e Costa, edição especial comemorativa dos 100 anos do nascimento da artista. Foi vencedor do Concurso Auryn nas edições de 2017 e 2018, na categoria de Música de Câmara com piano.

Integrou, como cantor (barítono), o Coro Casa da Música e o Ensemble Cupertino, tendo já sido dirigido por maestros como Paul Hillier, James Wood, Laurence Cummings, Gregory Rose, Baldur Brönniman, Olari Elts, Kaspars Putnins, Christoph Könige Peter Rundel.

Gravou três álbuns com o Ensemble Cupertino (Hyperion). O primeiro deles, *Cardoso: Requiem, Lamentations, Magnificat & Motets*, foi galardoado com o Prémio Gramophone, na categoria de Música Antiga. O segundo, *Duarte Lobo: Masses, Responsories & Motets*, foi reconhecido pelos Play - Prémios da Música Portuguesa como melhor álbum de música erudita de 2020.

Francisco Marques

LEGENDAGEM



Francisco Mendes Marques nasceu e estudou em Lisboa. Frequentou o Liceu Pedro Nunes, licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito de Lisboa e é Mestre em Tradução na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Especializou-se desde cedo em Tradução e Legendagem para Audiovisuais, que foi igualmente a sua tese de Mestrado. É diplomado de vários institutos de línguas, como a Alliance Française de Lisboa, o Goethe-Institut ou o American Language Institut.

Exerce há vários anos a profissão de tradutor e legendador de audiovisuais para cinema e televisão, sendo tradutor de vários canais como RTP, SIC, Discovery, Canal História, AMC, etc.

Como legendador de espetáculos ao vivo, sobretudo ópera e teatro, legendou já inúmeras óperas e peças teatrais para entidades como Centro Cultural de Belém, Festival de Ópera de Óbidos, Festival de Música de Sintra, Companhia Portuguesa de Ópera, Festival de Música de Marvão, Classic Stage, etc.

É também formador na área da Tradução e Legendagem de Audiovisuais.

Festival de Ópera de Óbidos 2025

Carla Caramujo, *diretora artística*

Equipa ABA – Banda de Alcobaça Associação de Artes

José Rafael, *diretor geral*

Susana Martins, *diretora de produção*

Alexandre Ramos, Eduardo Bento e Costa, Dalila Costa e Eduardo Almeida, *produção*

Davide Silva, *diretor de comunicação*

David Mariano e Afonso Jorge, *comunicação*

Dulce Alves, *marketing e relações externas*

Município de Óbidos

Joaquim Paulo, *diretor de comunicação*

Susana Santos, Susana Abrantes, Pedro Pereira, Denilson Andrade, João Escada e Nélson Lança, *comunicação*

Óbidos Criativa



FESTIVAL

ÓPERA
OBIDOS